

História oral, conversas qualificadas e o mundo dos trabalhadores

*Eric Gustavo Cardin*¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo problematizar alguns aspectos das técnicas presentes na História Oral no intuito de avançar na direção da construção de novas possibilidades de pesquisa. Para tanto, apresenta-se um breve histórico da metodologia e as principais discussões envolvidas para, em um segundo momento, avançarmos no desenvolvimento de relações de pesquisa fundadas no diálogo, permitindo a elaboração de um conhecimento coletivo e horizontal e auxiliando o desenvolvimento de uma abordagem sociológica que rompa com as perspectivas deterministas dos “mundos do trabalho”.

PALAVRAS-CHAVE:

Metodologia, História Oral, Trabalhadores.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e da Faculdade União das Américas (UNIAMÉRICA).

INTRODUÇÃO

As técnicas tradicionais de levantamento de fontes orais partem do pressuposto que a função social do pesquisador é possibilitar a abertura de canais de compreensão e de discussão diferenciadas a respeito da realidade que nos cerca e, para tanto, uma das formas mais básicas e elementares para o cumprimento desta tarefa seria dando vozes aos grupos sociais que até então não foram escutados ou não tiveram suas histórias valorizadas pela academia. Neste sentido, o objetivo básico é a reconstrução da história ou da suposta realidade a partir dos conceitos elaborados por sujeitos sociais que até então estavam escondidos atrás da sombra da história oficial.

Contudo, muitas das técnicas da história oral, embora lutem constantemente pela valorização das supostas minorias ou dos grupos em situações de risco, frequentemente partem do estabelecimento e da afirmação de uma relação desigual. A prática mais habitual adotada cristaliza a posição do acadêmico e do depoente, alimentando a suposta existência de um *status* especial do pesquisador em relação ao universo pesquisado quando atribui àquele o poder de gerenciar o processo de entrevista. Logo, a relação entre entrevistador e entrevistado possui como fundamentação uma relação de poder alicerçado na dominação técnica do entrevistador, que, muitas vezes, intimida e distorce o resultado do procedimento.

Buscando a superação destes limites, destacamos que uma entrevista fundamentalmente precisa ser consentida enquanto que uma conversa deve ser conquistada; uma entrevista pode ser cedida em momentos importunos ou não, pode ser realizada com boa vontade ou não, enquanto uma conversa não, pois esta necessariamente envolve reciprocidade e o livre acordo entre as partes. Não suficiente, como observam alguns autores (Bosi, 1995; Hawlbach, 2006), a

entrevista envolve manipulação enquanto a conversa configura-se como algo natural, da própria *vida cotidiana*.

Deste modo, acreditamos na necessidade do desenvolvimento de uma técnica pautada no diálogo, fugindo das relações tradicionais entrevistado-entrevistador no sentido rotineiro e evitando algumas práticas que intimidam o sujeito social de interesse, como a explicitação constante de um *status* diferenciado e, muitas vezes, dos equipamentos tradicionalmente utilizados neste tipo de procedimento. Com isso, um dos objetivos da proposta está na tentativa de possibilitar ao pesquisador se inteirar dos acontecimentos relatados, interpelando o sujeito somente quando houver condições que orientem melhor os rumos da pesquisa, transcrevendo as conversas e destacando o universo simbólico do grupo estudado.

Dentro desta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo problematizar as técnicas usuais da história oral, apropriando-se das contribuições existentes e avançando em direção de um processo de democratização nas relações entre as partes envolvidas durante a construção do conhecimento. Neste sentido, o texto está organizado em dois tópicos. No primeiro são discutidos alguns aspectos da história oral no intuito de destacar alguns aspectos positivos e negativos do método. No segundo tenta-se avançar na direção da construção de uma técnica mais horizontal, que estamos denominando de *conversas qualificadas*.

Algumas observações referentes à história oral e às *conversas qualificadas*.

A utilização de fontes orais dentro das ciências humanas e sociais começou a ser mais intensa apenas em meados da segunda metade do século XX. Até então existia muita resistência referente à

credibilidade e a importância dos relatos obtidos, como também muito amadorismo no desenvolvimento dos procedimentos adequados para o trabalho com este tipo de documentação histórica. Neste contexto, um rápido balanço da história oral revela as dificuldades enfrentadas durante o processo de profissionalização. Segundo Joutard, o avanço da história oral é observado em três momentos ou em três gerações distintas. “A primeira geração surgiu nos Estados Unidos nos anos 50 e seu intento era modesto: coligir material para os historiadores futuros; seria um instrumento para os biógrafos vindouros. Ela está decididamente do lado das ciências políticas e se ocupa somente dos notáveis” (Joutard, 2000, p. 45).

Nesta época a preocupação básica era coletar os relatos e armazená-los para utilização posterior, porém destaca-se que os seus objetivos estavam vinculados exclusivamente com a preservação da memória de membros das frações da classe dominante norte-americana. Por outro lado, a segunda geração tinha como pretensão inverter a utilização política do método. Neste sentido, constata-se que

essa nova geração desenvolveu uma nova concepção muito mais ambiciosa: não mais se trata apenas de uma simples fonte complementar do material escrito, e sim ‘de uma outra história’, afim da antropologia, que dá voz aos ‘povos sem história’, iletrados, que valoriza os vencidos, os marginais e as diversas minorias, operários, negros, mulheres. Essa história se pretende militante e se acha à margem do mundo universitário (ou é por este rejeitada). É praticada por não profissionais, feministas, educadores, sindicalistas (Joutard, 2000, p. 45).

A tendência de correlacionar a utilização de fontes orais com a ação ideológica de valorizar aqueles que não possuem condições para registrarem suas memórias ainda é acentuada dentro das universidades e movimentos sociais, embora seja público que o registro histórico da *vida cotidiana* possa ocorrer em inúmeros outros suportes documentais. Contudo, essa abordagem possibilitou o

ingresso gradativo da história oral nos círculos acadêmicos e a sua afirmação e aceitação nas ciências humanas e sociais de forma geral. Logo, a última geração corresponde à acadêmica e, conseqüentemente, ao fortalecimento das discussões referente aos procedimentos mais adequados para a realização, registro e guarda das entrevistas, como também referente ao próprio *status* da história oral.

Neste sentido, destacam-se os debates que visam enquadrar a história oral como técnica, disciplina e método. O primeiro grupo acredita que a história oral corresponde a um conjunto de instrumentos para a realização de pesquisa. Desta forma, estão mais concentrados nas “experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de fitas, modelos de organização de acervo etc.” (Ferreira & Amado, 2000, p. XII). Afastando-se dos limites desta concepção, o segundo grupo propõe que a história oral deva ser considerada como uma disciplina autônoma, dona de técnicas de pesquisa particulares e, destaca-se, de teorias próprias. Exatamente neste ponto ocorre o distanciamento entre aqueles que defendem a história oral como disciplina daqueles que a consideram um método.

Ao considerar-se portadora de uma teoria própria, a História Oral como disciplina desconsidera conceitos pré-estabelecidos e, conseqüentemente, debates teóricos que podem elucidar os problemas apontados pelas fontes orais. Ferreira e Amado (2000) salientam que os estudos realizados dentro de tal perspectiva tendem a ser superficiais, não conseguindo ir além dos dados empíricos coletados. Desta forma, ambas as autoras defendem a história oral como um método capaz de se colocar no núcleo central das investigações ao resgatar as trajetórias, ao valorizar as memórias individuais e coletivas e ao transpor as questões temporais. Neste contexto, afirmam que

a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática (Ferreira & Amado, 2000, p. XVI).

Dentro desta perspectiva, as *conversas qualificadas* correspondem a uma tentativa de desenvolver dentro da metodologia da história oral uma nova possibilidade de relação entre as partes envolvidas na produção da pesquisa. Contudo, as *conversas* não representam um rompimento radical com as demais técnicas de história oral, mas um esforço no processo de democratização e nivelamento dos sujeitos envolvidos na construção coletiva do conhecimento. Assim, alguns dos pressupostos básicos do trabalho com fontes orais precisam ser considerados ao longo do desenvolvimento dos trabalhos de campo. Entre estes se destacam: a) o estabelecimento de uma relação de confiança com os interlocutores; b) a manutenção das relações após as conversas; c) a busca da *saturação* dos assuntos abordados; d) o desenvolvimento das conversas em um lugar “neutro”; e) a aquisição de um conhecimento prévio do perfil dos sujeitos que compõem o universo de interesse; f) o estabelecimento das conversas firmadas em núcleos comuns e; g) a preservação da oralidade durante as transcrições.

A título de ilustração, destacamos que, durante as pesquisas desenvolvidas com os trabalhadores das vias públicas de Ciudad Del Este/Paraguai, a realização de pesquisas exploratórias somadas aos conhecimentos produzidos anteriormente (Cardin, 2006, 2007) permitiram a formação de um estoque de conhecimento referente ao universo de interesse e, conseqüentemente, a constituição de um espaço de manobra para o estabelecimento das *conversas*

qualificadas. Assim, antes de mergulharmos na *cotidianidade* dos trabalhadores, que era o principal objetivo da pesquisa naquele momento, verificamos a profundidade das relações que a técnica que seria realizada deveria enfrentar. Esta precaução auxiliou no levantamento dos núcleos ou dos temas comuns que deveriam ser analisados e comparados para a obtenção de dados que denunciassem de forma representativa a *pseudoconcreticidade* (Kosik, 2002) existente na região fronteira do Brasil com o Paraguai. Somente depois destes exercícios buscou-se a construção de relações mais estáveis para a realização das referidas conversas.

Comentado de maneira geral as técnicas disponibilizadas pela história oral, Tourtier-Bonazzi lembra que

é indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador. Disso depende o sucesso. Essa necessidade de estabelecer certos vínculos explica por que alguns entrevistadores preferem interrogar as testemunhas individualmente, tornando mais fácil a intimidade através de um diálogo. Não se falam as mesmas coisas numa conversa a dois ou a três. Outros preferem que sejam dois, distribuindo as perguntas ou fazendo com que um se responsabilize pela parte técnica e outro pela intelectual. Essa relação de confiança exige do entrevistador uma grande disponibilidade e portanto parece indispensável ter um primeiro encontro com a testemunha, preparar o esquema da entrevista e voltar alguns dias depois para gravar (Tourtier-Bonazzi, 2000, p. 234).

As relações entre os diferentes interlocutores envolvidos na pesquisa não são simples e nem efêmeras, as conversas não são estabelecidas em um único e exclusivo momento. No caso da pesquisa que desenvolvemos a fala dos diferentes sujeitos sociais que atuavam no *microcentro* de Ciudad del Este foi composta durante as próprias relações sociais, envolvendo variáveis geracionais, culturais e de gênero, impossibilitando análises instantâneas oriundas de uma primeira e precipitada leitura. Assim, o cuidadoso processo de aproximação ao universo de interesse deve ser sucedido por um

paulatino e constante ir e vir, ou seja, de envolvimento e de afastamento, de familiarização e de estranhamento, visando à construção das reflexões a partir das anotações e das gravações realizadas. Como observa Tourtier-Bonazzi,

a relação testemunha-entrevistador às vezes prossegue depois da entrevista. O entrevistador pode contactar de novo a testemunha para confrontar sua própria reflexão com o pensamento dela; pode dar-lhe a oportunidade de completar seu relato através de uma nova entrevista e mostrar-lhe o resultado do trabalho. Mas pode-se ter a decepção de só haver reproduzido parcialmente o depoimento (Tourtier-Bonazzi 2000, p. 235).

Neste contexto, a construção do conhecimento não se limita a um único ato, ela ocorre durante o diálogo e as necessárias revisões de posição promovidas pelos confrontos estabelecidos durante todo o processo de conquista do interlocutor. Sem embargos, a decepção observada por Tourtier-Bonazzi (2000) precisa se transformar em motivação para a ampliação e o aprofundamento dos estudos realizados. Todos esses breves apontamentos referentes à metodologia da história oral, à realização das *conversas qualificadas* ou de qualquer outro procedimento de entrevista qualitativa envolvem, em linhas gerais, três fases distintas: 1) a construção da rede de depoentes que será utilizada; 2) a gravação das conversas ou a anotação dos relatos obtidos e; 3) a transcrição e a análise das conversas, observando o conteúdo, as contradições, os lapsos, risos e lacunas (Thiollent, 1980).

No que se refere à primeira fase observa-se a existência de duas possibilidades para a determinação da amostra para a realização de *conversas qualificadas* ou de qualquer outro tipo de entrevista qualitativa. No primeiro caso busca-se o maior número possível de interlocutores, valorizando a representatividade dos mesmos dentro do universo pesquisado. Não há o estabelecimento de uma quantia ideal

de diálogos, mas uma tentativa de acumular diversas leituras para possibilitar comparações e um aprofundamento nas representações expostas. Por outro lado, encontramos uma outra técnica fundada na construção de uma rede de confiança mais sólida. A partir da primeira conversa estabelecida busca-se indicações de outros sujeitos que poderiam falar e contribuir com a construção de um conhecimento mais completo sobre o assunto abordado. Assim, os primeiros contatos entre os interlocutores frequentemente é intermediado por alguém conhecido e pertencente à rede em formação, facilitando as relações e a conquista de confiança.

No caso de estudos realizados em grupos de difícil acesso, como é o caso da pesquisa que estamos desenvolvendo com os *barqueiros* que atuam no transporte de mercadorias contrabandeadas na fronteira do Brasil com o Paraguai, a última técnica apresentada é a mais adequada. Sem delongas, constata-se que ela acelera o processo de aproximação do pesquisador ao universo de estudo e, na medida em que as conversas são realizadas, a mesma vai constituindo uma rede de contatos que pode representar de forma sistemática o conjunto de relações existentes na realidade investigada. A quantidade de conversas necessárias é imprevisível, porém dois aspectos devem ser observados durante a determinação da amostra. Em primeiro lugar, é fundamental estabelecer as conversas com sujeitos sociais localizados nas diferentes posições existentes no universo de pesquisa e sempre buscar a saturação dos temas abordados nas entrevistas, pois assim a conquista de novos depoentes torna-se desnecessária já que as conversas realizadas fornecem de forma constante um padrão de resposta aos problemas colocados.

Após ser definida a amostra, a segunda fase das pesquisas qualitativas diz respeito à condução e ao registro das entrevistas. De maneira geral, o indicado é a utilização de roteiros semi-estruturados

contendo os temas a serem abordados e o registro das conversas através de gravação, sempre acompanhada de anotações realizadas em um bloco de notas para permitir uma melhor descrição do ambiente no momento da conversa. Todavia, tais procedimentos não são regras. A condução e o registro devem ser feitos de modo a permitir o maior conforto e bem estar para o entrevistado. Assim, em alguns momentos, é necessário quebrar o paradigma acadêmico que cria um muro entre os envolvidos no processo de construção do conhecimento. A única conduta que não pode ser abandonada durante a realização de uma conversa é a sinceridade. Os participantes obrigatoriamente precisam saber quem é o pesquisador e quais seus reais objetivos, mesmo que isso, em princípio, se torne uma dificuldade a ser superada.

Tendo isso como pressuposto, a não utilização do roteiro e do gravador deve ser tolerada em determinadas situações. Em um contexto social onde paira a insegurança, a realização de registros pode ser evitada pelos interlocutores. Neste caso, na tentativa de obter entrevistas gravadas corre-se o risco de limitar o conteúdo obtido, pois este tende a ficar restrito àquilo que é seguro para o participante. Neste contexto, as conversas gravadas precisam ser complementadas com as informações obtidas no decorrer das relações que são estabelecidas com o universo de pesquisa. Para tanto, recomenda-se a utilização de blocos de notas ou diários para o registro imediato das informações que não foram capturadas pelos gravadores, filmadoras e máquinas fotográficas durante a realização de *observações diretas* e de *conversas qualificadas*. Contudo, tanto nas situações onde há registros gravados quanto naquelas que isso não foi possível, é fundamental que a transcrição do conteúdo seja a mais fiel possível à emissão original, possibilitando a futura exploração dos sons e dos silêncios.

As conversas qualificadas e as relações entre os interlocutores da pesquisa

Como é possível observar até o presente momento, as *conversas qualificadas* configuram-se como uma técnica da história oral alicerçada nos seus principais pilares. Entretanto, embora existam muitas aproximações, há algumas diferenças que precisam de um melhor aprofundamento. As *conversas* atribuem um maior valor aos registros não gravados obtidos através da convivência com o universo de pesquisa e com os seus sujeitos sociais. Neste sentido, ocorre a valorização da conversa em relação à entrevista, da informalidade presente na cotidianidade ao invés da formalidade existente na academia. Através das *conversas qualificadas* evita-se a predefinição das respostas pelas perguntas formuladas e, na interpretação, a incorporação forçada do conteúdo em categorias previamente estabelecidas. Diferentemente das pesquisas quantitativas ou daquelas que buscam a construção de tipologias, a importância de um tema abordado não fica relacionada com a frequência em que ele aparece nas entrevistas, mas na influência dele nas práticas dos interlocutores.

Desta forma, a democratização dos procedimentos de entrevista também se encontra nos esforços para evitar a utilização de categorias previamente estabelecidas. A partir do momento em que definimos as mesmas antes do processo de aproximação forçamos a adoção das categorias por parte dos interlocutores e conduzimos a conversa para lugares já esperados. As categorias devem surgir durante as relações entre as partes envolvidas na pesquisa, mas evitando a utilização imediata da fala dos sujeitos, transformando-a diretamente em conceitos e reproduzindo-as de forma acrítica, apenas como palavras mais bonitas e re-elaboradas. Neste sentido, o principal objetivo das *conversas qualificadas* é colocar o interlocutor como

centro do processo de construção de conhecimento, supondo que “o investigador aceita, pelo menos a título provisório, os quadros de referência do seu interlocutor para juntos poderem explorar os diversos aspectos do problema em discussão ou do universo cultural questionado” (Thiollent, 1982, p. 93).

A base da discussão em prol de uma transformação substantiva nas pesquisas qualitativas encontra fôlego nas contribuições antropológicas de Roberto Cardoso de Oliveira (1998). Antes de qualquer outro, Oliveira destacava a necessidade de ruptura com os antigos modelos de relação pesquisador/informante. Neste sentido, salientava, por exemplo, que

as perguntas feitas em busca de respostas pontuais lado a lado da autoridade de que as faz – com ou sem autoritarismo –, criam um campo ilusório de interação. A rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante, o etnólogo não cria condições de efetivo diálogo. A relação não é dialógica. Ao passo que transformando esse informante em interlocutor, uma nova modalidade de relacionamento pode – e deve – ter lugar (Oliveira, 1998, P. 23)

Neste sentido, o desenvolvimento de *conversas qualificadas* torna-se o caminho mais adequado para o nascimento do saber oriundo da dialética. Tais *conversas* são definidas como *qualificadas* por serem derivadas de pessoas interessadas, que possuem reciprocidade na ação de falar e ouvir.

Essa relação dialógica – cujas conseqüências epistemológicas, todavia, não cabem aqui desenvolver – guarda pelo menos uma grande superioridade sobre os procedimentos tradicionais de entrevista. Faz com que os horizontes semânticos em confronto – o do pesquisador e do nativo – abram-se um ao outro, de maneira a transformar um tal confronto em um verdadeiro “encontro etnográfico”. Cria um espaço semântico partilhado por ambos os interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela “fusão de horizontes” – como os hermeneutas chamariam esse espaço –, desde que o pesquisador tenha como habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente

ouvido, encetando formalmente um diálogo entre “iguais”, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso. Mesmo porque, acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta, é apenas viver em uma doce ilusão. Ao trocarem idéias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guiados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. O ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual a estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação (Oliveira, 1998, p. 24).

Neste contexto, a pesquisa que estamos realizando entre os *barqueiros* do Rio Paraná e aquela que realizamos entre os trabalhadores que atuam nas vias públicas de Ciudad del Este são fundadas em pressupostos metodológicos que visam construir relações mais próximas entre as partes envolvidas no estudo. Para tanto, foram tomados cuidados no processo de aproximação ao universo, na elaboração de pesquisas exploratórias e na maneira pela qual as informações foram obtidas através da execução da *observação não-participante* e das *conversas qualificadas*. O intuito destes cuidados é construir conhecimentos sociológicos não exatamente ou exclusivamente sobre os trabalhadores e seus processos, mas com os trabalhadores, sobre a sua cotidianidade e o mundo que os cerca.

Assim, a técnica proposta se configura como instrumento metodológico fundamentado em uma perspectiva teórica que visa a construção do conhecimento de forma coletiva, com a participação ativa dos interlocutores, pois são estes que direcionam o caminho a ser percorrido na pesquisa. Desta forma, ao aplicarmos a técnica no universo composto pelos trabalhadores que atuam na fronteira do Brasil com o Paraguai, buscamos produzir novos conceitos de forma conjunta, não depositando leituras pré-elaboradas sobre o mesmo. Com isso, o desenvolvimento da pesquisa ao mesmo tempo em que se configura como uma atividade acadêmica pode também ser

considerada como um exercício de cada trabalhador no fortalecimento do indivíduo-para-si, no sentido proposto por Newton Duarte (1992).

Para finalizar, a proposta realizada tem como intuito alimentar o desenvolvimento de uma perspectiva de estudo dos “mundos do trabalho” onde o trabalhador não é um simples reflexo dos processos produtivos, mas um sujeito possuidor de potencialidades, que interage com o meio e transforma a história. Neste sentido, as discussões referentes às *conversas qualificadas* são apenas o início da tentativa de construir uma Sociologia do Trabalhador, onde os sujeitos sejam portadores de liberdade e capazes de refletir sobre o mundo que os cerca.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARDIN, Eric Gustavo. **Sacoleiros e “laranjas” na tríplice fronteira: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Araraquara: UNESP, 2006.

_____. La Formación y la Organización de los Trabajadores de las Vías Públicas de Ciudad del Este – Paraguay. In: **VIII Congreso Nacional de Estudios del Trabajo**. Asociación Argentina de Especialistas en Estudios del Trabajo: Buenos Aires, 2007.

DUARTE, Newton. **A Formação do Indivíduo e a Objetivação do Gênero Humano**, 1992. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. Pp. 43 – 62.

HAWLBACH, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquête Operária**. São Paulo: Polis, 1980.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. Pp. 233 – 245.